

Perspectivas Sobre a Idealização do Amor e da Mulher em *José Matias*, de Eça de Queirós

Perspectives on the Idealization of Love and Femininity in *José Matias* by Eça de Queirós

 <https://doi.org/10.47734/rlm.v21.38.p142-150>

Marcio Jean Fialho de Sousa

Doutorado em Letras, Universidade Estadual de São Paulo

Docente, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - UFVJM, Diamantina, MG,
Brasil

 pcopmarciojean@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-2555-0079>

Bruno Lutianny Fagundes Monção

Mestrado em Letras/Estudos Literários, Universidade Estadual de Montes Claros Docente,
Universidade estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG, Brasil

 brunolutty@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0001-9619-3078>

Heidy Cristina Boaventura Siqueira

Mestrado em Letras/Estudos Literários, Universidade Estadual de Montes Claros Docente,
Universidade estadual de Montes Claros, Montes Claros, MG, Brasil

 heidycbs@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0002-4769-6282>

Resumo

A presente pesquisa, desenvolvida por meio das metodologias bibliográfica e documental, tem por objetivo apresentar uma possível análise do conto *José Matias* (1897), de Eça de Queirós, sob a perspectiva da idealização do amor. Segundo Ítalo Calvino (2007), um clássico é aquele que a cada leitura vai sendo atualizado em sua complexidade. Nessa perspectiva, o conto sob análise se destaca pela complexidade da personagem que dá título ao texto. No enterro de José Matias, tal personagem é apresentada por um narrador, filósofo hegeliano, que relata para um amigo em comum dos tempos de Coimbra, a história do incomum amor por Elisa e os desdobramentos que esse sentimento trouxe para a vida do amigo falecido. Na tentativa de ver no amor, sentimento humano finito, o amor sublime, infinito, José Matias encontra motivos para a sua vida, e para a sua degradação, culminada pela morte. Para este estudo, foram utilizados aportes teóricos como Abdala Júnior (2019), El Fahl (2017), Lopes (2017) e Matos (2014).

Palavras-chave: José Matias; Eça de Queirós; amor sublime; idealização da mulher.

Abstract

This research, developed through bibliographic and documentary methodologies, aims to present a possible analysis of the short story *José Matias* (1897), by Eça de Queiroz, from the perspective of the idealization of love. According to Italo Calvino, a classic is one book that is updated in its complexity with each reading. From this perspective, the short story under analysis stands out for the complexity of the character that gives the text its title. At José Matias' funeral, this character is introduced by a narrator, a Hegelian philosopher, who tells a mutual friend from his time in Coimbra a story of an unusual love of Matias for Elisa, and the consequences that this feeling brought to the life of his deceased friend. In an attempt to see in love, a finite human feeling, the sublime, infinite love, José Matias finds reasons for his life, and for his degradation, culminating in death. For this study, theoretical contributions such as Abdala Júnior (2019), El Fahl (2017), Lopes (2017) and Matos (2014) were used.

Keywords: José Matias; Eça de Queiroz; sublime love; idealization of women.

Abrindo os Trabalhos

Eça de Queirós (1845-1900), conhecido escritor português, teve um importante papel na sociedade portuguesa oitocentista finissecular, sua principal representatividade está no campo da discussão crítica frente à sociedade lusitana, a qual foi personagem de seus romances apresentadas como cenários das mais diversas situações. Em todos os fatos narrados pela pena de Eça estavam contidas ironias, críticas e análises do contexto social ao qual estava inserido, marcando seu lugar na literatura realista. Também por isso, é sempre possível identificar novas leituras e se aprofundar cada vez mais na escrita queirosiana. Isso, certamente, é o resultado de um olhar crítico e apurado do próprio escritor frente ao mundo, mas, mais que isso, frente a sua obra.

Como bem afirma Maria do Rosário Cunha (2019), Eça de Queirós precocemente descobriu-se escritor, tinha consciência de sua capacidade criativa, sabia ser um artista, por outro lado, sempre manifestou dúvidas e insegurança em relação ao valor artístico de sua produção literária. A respeito de *O primo Basílio*, por exemplo, publicado em 1878, escrevendo para Ramalho Ortigão, Eça afirma que esta é uma obra medíocre: “A não ser duas ou três cenas, feitas ultimamente, o resto, escrito há dois anos, é o que os ingleses chamam *rubbish*, isto é, inutilidade desbotadas, dignas de cisco. Em todo o caso, diga-me você o que pensa - e o que pensam os amigos, do volume - se o lerem.” (Queiroz, 1983, p. 128-129).

Por um lado, essa autocrítica pode ter contribuído para que seus textos pudessem ganhar status de excelência e de profundidade, afinal, afirma Maria do Rosário Cunha (2019), “Há que se reconhecer, contudo, que só uma genuína autoexigência justifica as sucessivas reescritas a que sujeitou as obras publicadas, bem como o número de obras que deixou inéditas.” (Cunha, 2019, p. 180).

Este artigo tem por objetivo apresentar uma análise do conto *José Matias*, de Eça de Queirós, publicado inicialmente na *Revista Moderna*, em 1897, sob a perspectiva da leitura a partir da idealização ou não do amor na literatura queirosiana. Um clássico, na concepção de Ítalo Calvino (2007), é aquele que a cada leitura vai sendo atualizado em sua complexidade. Nessa perspectiva, o conto sob análise se destaca pela singularidade da personagem que dá título ao texto.

É sabido que Eça de Queirós buscou escrever acerca da sociedade sempre na chave da ironia, elemento fundamental da sua estratégia literária. Fazia isso para promover reflexões por meio de críticas à sociedade. Nesse escopo, é compreensivo o fato de que ele não discutia questões sobre sentimentos, afinal, como ele próprio afirmou na ocasião das *Conferências do Casino Lisbonense*, em 1871, este era um campo explorado pelos românticos a que dirigia as suas críticas. Assim afirmou Eça de Queirós na ocasião: “o realismo é uma reação contra o romantismo: o romantismo era a apoteose do sentimento; o realismo é a anatomia do caráter”.

A partir dessa perspectiva, é importante observar que no conto *José Matias* o tema do amor parece sobressair a todas as outras questões sociais que fizeram parte da escola realista, mas isso só se não nos atermos aos aspectos da ironia presentes no texto. Desse modo, vale recuperar o cerne da narrativa presente nesse conto para, na sequência, selecionar alguns pontos de análise.

Amor, Ironia e Idealização em *José Matias*

O conto inicia com a ambientalização das personagens que estão esperando o enterro de José Matias. O narrador, autointitulado filósofo hegeliano, relata para um amigo, em comum dos tempos de Coimbra, a história exótica do amor de José por Elisa e os desdobramentos que esse sentimento trouxera para a vida do amigo

falecido. No enredo há tentativa de perceber no amor, sentimento humano finito, o amor sublime, portanto, infinito, de José Matias que encontra motivos para a sua vida, e, também, para a sua própria degradação, culminada pela morte.

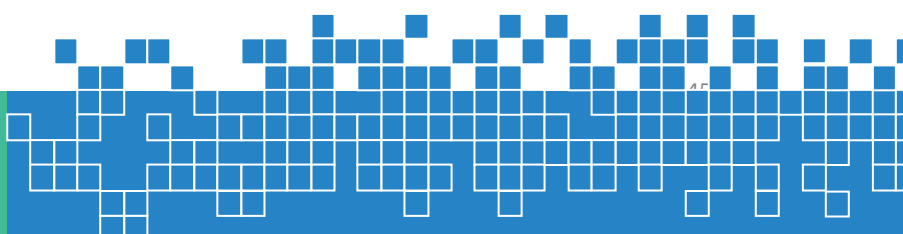
O amor de José Matias por Elisa, inicialmente casada (depois viúva e amasiada, mas sempre pura aos seus olhos) jamais se concretiza fisicamente, mas se manifesta no cuidado com a mulher, inclusive para com os seus afetos, os quais vigiava a fim de ter a certeza de que eles eram dignos de estar nos braços de sua amada.

A alma de Elisa era sua e recebia perenemente a adoração perene: e agora queria que o corpo de Elisa não fosse menos adorado, nem menos lealmente, por aquele homem a quem ela entregara o corpo! Mas o apontador era facilmente fiel a uma mulher tão formosa, tão rica, de meias de seda, de brilhantes nas orelhas, que o deslumbrava. [...] Talvez esta fidelidade, preito carnal à divindade de Elisa, fosse para o José Matias a derradeira felicidade que lhe concedeu a vida. Assim me persuado, porque, no Inverno passado, encontrei o apontador, numa manhã de chuva, comprando camélias a um florista da Rua do Ouro; e defronte, a uma esquina, o José Matias, escaveirado, esfrangalhado, cocava o homem, com carinho, quase com gratidão! E talvez nessa noite, no portal, tiritando, batendo as solas encharcadas, com os olhos enternecidos nas escuras vidraças, pensasse: “Coitadinha, pobre Elisa! Ficou bem contente por ele lhe trazer as flores!” (Queirós, 2009, p. 384).

Um dado que se apresenta no texto e que deve chamar a atenção do leitor atento é que, ao ficar viúva, José Matias tem a oportunidade de juntar-se à amada, mas decide não a aceitar, prefere continuar acompanhando-a de longe. Assim diz o narrador:

Foi o José Matias que recusou! Ela escreveu, esteve no Porto, chorou... Ele nem consentiu em a ver! Não quis casar, não quer casar!” Fiquei trespassado. “E então ela...” — “Despeitada, fortemente cercada pelo Torres, cansada da viuvices, com aqueles belos trinta anos em botão, que diabo! Cotada, casou!” Eu ergui os braços até à abóbada do pátio: “Mas então esse sublime amor do José Matias?” O Nicolau, seu íntimo e confidente, jurou com irrecusável segurança: “É o mesmo sempre! Infinito, absoluto... Mas não quer casar!” Ambos nos olhamos, e depois ambos nos separamos, encolhendo os ombros, com aquele assombro resignado que convém a espíritos prudentes perante o Incognoscível. (Queirós, 2009, p. 373).

A partir desse preâmbulo podemos fazer algumas das primeiras e imediatas análises sobre o narrador, sendo ele um hegeliano autodeclarado, dá ao leitor uma



pista de que, como filósofo, procura estabelecer uma lógica em sua narrativa, na medida em que busca encontrar qual o sentido de tamanho amor idealizado por José Matias, levando em consideração suas próprias perspectivas ideológicas. Em *José Matias*, inicialmente o amor não poderia ser concretizado porque sua amada, Elisa, era casada, porém, na viuvez poderia desposá-la, mas não o faz, mesmo que ela estivesse cansada da viuvez e disposta a contrair novo matrimônio e, dessa vez, com José Matias.

Por que ele recusa? Talvez a resposta esteja na própria percepção do narrador que afirma que “O amor espiritualiza o homem - e materializa a mulher.” (Queirós, 2009, p. 368), que não deixa de ser uma visão hegeliana. Ou seja, concretizar o amor significaria humanizá-lo, tirá-lo do campo do sublime, demonstrar suas fragilidades e, portanto, perder o encanto. Isso porque também José Matias tinha afeições aos aspectos hegelianos, segundo o narrador.

Nesse sentido, há dois extremos, o humano e o sublime, e, para Hegel, quando os opostos chegam aos seus extremos são capazes de se transformarem um no outro, sendo assim, dar-se em casamento, para José Matias, segundo o narrador, seria materializar a mulher, seria tirar a aura de sublimidade, essa seria a primeira premissa. Por outro lado, é preciso, antes de qualquer conclusão precipitada, tentar compreender quem é Elisa para, depois, analisar o que esse amor seria capaz de promover no amante.

Segundo as características apresentadas pelo narrador, Elisa Miranda era:

Alta, esbelta, ondulosa, digna da comparação bíblica da palmeira ao vento. Cabelos negros, lustrosos e ricos, em bandos ondedos. Uma carnação de camélia muito fresca. Olhos negros, líquidos, quebrados, tristes, de longas pestanas ... (QUEIRÓS, 2009, p. 367).

Essas características eram suficientes para arrebatam os corações masculinos da época, tanto que o mesmo narrador cita, concordando com São João Crisóstomo, que teria dito “que a mulher é um monturo de impureza, erguido à porta do Inferno!” (Queirós, 2009, p. 373). Vale salientar que, segundo Maria Antónia Lopes (2017), ao discutir acerca dos pressupostos história da condição da mulher em Portugal, buscando desde os primórdios da literatura primitiva, “podemos ler em São João

Crisóstomo (349-407) [que] “em meio a todos os animais selvagens não se encontra nenhum mais nocivo do que a mulher’.” (Lopes, 2017, p. 30). Relegando a ela a posição subalterna da humanidade. Porém, mais que os atributos físicos, o narrador ainda apresenta outras comparações que nos dão pistas para uma interpretação mais profunda. Assim afirma o narrador:

O meu amigo conhece (pelo menos de tradição, como se conhece Helena de Tróia ou Inês de Castro) a formosa Elisa Miranda, a Elisa da Parreira... Foi a sublime beleza romântica de Lisboa, nos fins da Regeneração. Mas realmente Lisboa apenas a entrevia pelos vidros da sua grande caleche, ou nalguma noite de iluminação do Passeio Público entre a poeira e a turba, ou nos dois bailes da Assembleia do Carmo, de que o Matos Miranda era um director venerado. (QUEIRÓS, 2009, p. 365-366).

Nesse fragmento, Elisa é notada com uma beleza romântica, logo, idealizada, sublime, longe da realidade. Aparte isso, Alana Freitas El Fahl (2012), chama a atenção para a etimologia do nome de Elisa que, segundo apura, é um hipocorístico de Elisabete, vindo do latim Elisabeth, cujo significado é “Deus é juramento”, sendo que no hebraico significa “Deusa”. Já Matias, que etimologicamente, segundo o *Dicionário de Nomes Próprios*, pode significar “oferta de Deus”, “presente de Deus”, também pode, segundo o *Dicionário Aulete*, significar “pateta”.

Nesse sentido, também em diálogo com El Fahl (2012, p. 181), esses significados delineiam a posição assumida pelas protagonistas do enredo, Elisa é um ser superior diante de José Matias. Além disso, o narrador a compara a duas importantes mulheres, ambas rainhas, belas, e que viveram trágicas histórias de amor. Ambas contribuíram, de alguma maneira, para a formação da cultura e imaginário português: Helena de Tróia e Inês de Castro - “[...] a beleza da primeira [Helena de Tróia] deflagrou a Guerra de Troia¹ eternizada na Ilíada, os encantos da segunda [Inês de Castro] conquistaram o príncipe D. Pedro e ameaçaram a corte portuguesa (El Fahl, 2012, p. 181).

Ao aproximar Elisa dessas duas importantes representantes históricas, o narrador dá-nos a pista de que o amor idealizado de José Matias só poderia levá-lo à morte, como de fato aconteceu, ligando então o leitor às informações do início do conto, onde já de antemão, toma conhecimento de que tudo vem à tona durante o enterro da personagem principal, José Matias. Ou seja, as personagens históricas

representam o amor que desagrega, que separa e que leva à ruína. Tanto em Helena de Tróia como em Inês de Castro, o resultado foi a morte e a quase derrocada da nação; em *José Matias*, o amor idealizado levou-o à morte simbolicamente falando, pois ainda que não tenha tido coragem para assumir o amor de Elisa, continua sofrendo por ela. Segundo Albano Pereira Catton (s.d.), ao ver sua amada casada com outro homem, sentia-se torturado: “O que o torturava, o que lhe cavara longas rugas em curtos meses, era que um homem, um macho, um bruto, se tivesse apoderado daquela mulher que era sua sua!” (Catton, 1969, p. 311).

Segundo El Fahal (2012, p. 181), se ampliarmos a leitura dessa personagem como um representante da nação, o que não seria extrapolar o texto, visto o projeto literário de Eça de Queirós, o sentimento desagregador de José Matias poderia ser atribuído à nação portuguesa no plano da representação simbólica, visto ser esse o grande objetivo queirosiano ao afirmar, junto com seus compatriotas do Casino Lisbonense, dando destaque a Antero de Quental, que o sentimentalismo teria contribuído para a os mais diversos fracassos da nação portuguesa frente ao mundo.

O amor de José Matias não deixou de ser correspondido, não foi, apenas, concretizado carnalmente, mas espiritualmente, afinal, se partirmos para uma perspectiva judaico-cristã, vemos que a ideia de amor ágape, temos um sentimento que espera tudo, suporta tudo e “jamais passará” (1Cor 13,8). Elisa o reconhecia, admirava-o e o respeitava, sabia que Matias estava sempre a sua espreita, quisera casar-se com ele, mas diante da negativa aceita sua presença, ainda que de longe, como pode ser notado a seguir:

Ao princípio, para fumar um cigarro apressado, trepava até ao patamar deserto, a esconder o lume que o denunciaria no seu esconderijo. Mas depois, meu amigo, fumava incessantemente, colado à ombreira, puxando o cigarro com ânsia, para que a ponta rebrilhasse, o alumiasse! E percebe por quê, meu amigo?... Porque Elisa já descobrira que, dentro daquele portal, a adorar submissamente as suas janelas, com a alma de outrora, estava o seu pobre José Matias!... (Queirós, 2009, p. 381-382).

Além disso, o conto termina dizendo que Elisa teve o cuidado de enviar flores para serem depositadas sobre o túmulo do seu amante espiritual. Nos dizeres do narrador,



Elisa mandou o seu amante carnal acompanhar à cova e cobrir de flores o seu amante espiritual! Mas, oh meu amigo, pensemos que, certamente, nunca ela pediria ao José Matias para espalhar violetas sobre o cadáver do apontador! É que sempre a Matéria, mesmo sem o compreender, sem dele tirar a sua felicidade, adorará o Espírito, e sempre a si própria, através dos gozos que de si recebe, se tratará com brutalidade e desdém! Grande consolo, meu amigo, este apontador com o seu ramo, para um Metafísico [...]. (Queirós, 2009, p. 384).

Como se lê, pelo julgamento do narrador, Elisa pede ao seu amante para que vá depositar as flores no túmulo, o que não seria capaz de pedir a José Matias em relação ao seu primeiro marido. Pois a Matéria, e aqui grafado com letra maiúscula, o extremo oposto, deverá sempre adorar o Espírito, corroborando com a perspectiva hegeliana de mundo. Ou seja, a matéria ama o espírito, mas vive na busca de si mesmo, na matéria. E o narrador conclui afirmando ser um 'Grande consolo', o ramo, matéria, para o Metafísico, aqui representado pela morte de José Matias, como em uma representação da busca incessante da matéria pelo sublime, agora na pessoa de Elisa para o já não-ser de José Matias.

Considerações Finais

Tentando partir para uma pretensa conclusão, a idealização do amor e da mulher no conto *José Matias*, de Eça de Queirós, são representadas por meio da submissão, ou seja, o amor de Matias frente a Elisa é um amor vassalo, assim como o próprio José Matias, homem, coloca-se como servo de Elisa, mulher, por meio de sua admiração infinita, mas só é vassalo porque jamais chega a ser concretizado.

Matias reconhece, ao fim e ao cabo, que a concretização desse amor seria o fim deste sentimento. Quanto a idealização da mulher, essa também só poderia ser no campo espiritual, metafísico, como na tradição trovadoresca. Do contrário, partindo para o campo hegeliano, a união dos extremos poderia concorrer para o seu fim, para a percepção de que a perfeição seria impossível. Em outros termos, o sentimento nutrido por José Matias, até às últimas consequências, também pode ser compreendido como uma crítica de Eça de Queirós ao esgotamento da idealização amorosa fundada no amor sublime, crítica feita aos românticos portugueses do início do século XIX.

Referências

- Abbagnano, N. (2000). Dicionário de filosofia. Martins Fontes.
- Abdala Junior, B. (2019). Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas. Edições Sesc.
- A Bíblia de Jerusalém. (1996). Paulus.
- Calvino, I. (2007). Por que ler um clássico? (N. Moulin, Trad., 2. ed.). Companhia das Letras.
- Catton, A. P. (1969). Eça de Queiroz – Dicionário biográfico dos seus personagens. Dorso.
- Cunha, M. do R. (2019). Para uma poética da personagem queirosiana. Em B. Abdala Junior, Ecos do Brasil: Eça de Queirós, leituras brasileiras e portuguesas (pp. xx–xx). Edições Sesc.
- Dicionário de nomes próprios. (2024, dezembro). <https://www.dicionariodenomespropios.com.br/busca.php?q=matias>
- Dicionário Aulete online. (2024, dezembro). <https://aulete.com.br/matias>
- El Fahl, A. (2017). Singularidades narrativas – uma leitura dos contos de Eça de Queirós. UEFSE Editora.
- Lopes, M. A. (2017). Estereótipos de “a mulher” em Portugal dos séculos XVI a XIX (um roteiro). Em Rossi, M. A. (Org.). Donne, cultura e società nel panorama lusitano e internazionale (secoli XVI–XXI) (pp. 27–44). Sette Città.
- Matos, A. C. (2014). Eça de Queiroz – Uma biografia. Ateliê Editorial; Editora da Unicamp.
- Queirós, E. (2009). José Matias. Em Contos I (Ed. crítica). Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Queirós, E. (1983). Correspondência (Vol. 1, G. de Castilho, Coord., Pref. e Notas). Imprensa Nacional Casa da Moeda.